

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE DANÇA

CAIO FILLYPE NUNES FIGUEIREDO

***FLASHS* NARRATIVOS: SIGNIFICADOS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA MOSAICO
CIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA**

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2023

CAIO FILLYPE NUNES FIGUEIREDO

***FLASHS* NARRATIVOS: SIGNIFICADOS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA MOSAICO
CIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa
como requisito para obtenção do Título de Bacharel
em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alba Pedreira Vieira
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Flávia Brassarola Borsani
Marques

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2023

CAIO FILLYPE NUNES FIGUEIREDO

**FLASHS NARRATIVOS: SIGNIFICADOS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA MOSAICO
CIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa
como requisito para obtenção do Título de Bacharel
em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alba Pedreira Vieira
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Flávia Brassarola Borsani
Marques

APROVADO:

Prof.^a Dr.^a Alba Pedreira Vieira

(orientadora)

Prof.^a Dr.^a Flávia Brassarola Borsani Marques

(coorientadora)

Prof.^a Dr.^a Maristela Moura Silva Lima

(membro da banca)

Prof. Marcus Diego

(membro da banca)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meus pais, Solange Ferreira Nunes e Wander Emanuel Santos Figueiredo, e minha família pelo amor, incentivo e apoio incondicional no almejo de meus sonhos em constante realização e prosperidade.

Agradeço às minhas orientadoras, professoras Alba Vieira e Flávia Borsani, por toda fé em meu potencial, paciência e respeito com o ritmo da minha caminhada e confiança da nossa relação acadêmica.

Com ternura especial por Alba Vieira que representa muito além de professora, uma eterna amiga e inspiração da arte e dança contemporânea pra mim. Fonte de orgulho e bastante admiração.

Agradeço a Mosaico Cia de Dança Contemporânea, que desde que iniciei na UFV tornou-se meu abrigo, minha família artística e meu melhor acontecimento na graduação.

Agradeço a meus amigos artistas da Mosaico por tornar a rotina muito vibrante em alegria, sorrisos, cores e afetos compartilhados.

Agradeço a existência do Curso de Dança e o Departamento de Artes e Humanidades, que graças seus fundadores, entre eles, Alba Vieira e Maristela (Teinha) podemos viver um sonho e fazer a arte re[existir].

Agradeço a todos meus professores da graduação. Funcionários do DAH, colegas e amigos de curso.

Agradeço à minha amiga, Fátima Vieira (Fatinha), pela amizade e todo amor que temos um pelo outro. Mais um presentão de Viçosa.

Agradeço meu amigo artista, Rubinho, por sempre vibrar com admiração e carinho por minhas [an]danças. Tia Lessinha por me selecionar em um projeto social de dança contemporânea da minha cidade Paraopeba/MG e ao Alan Keller coreógrafo que por um tempo foi minha inspiração e motivação para cursar Dança.

Agradeço meu namorado, Gláucio Lacerda, por todo incentivo, amor e companheirismo.

Agradeço por ter conhecido diversos artistas e lugares através da Mosaico o que me oportunizou por várias vezes desbravar o mundo artizando e desenvolver o pensamento crítico e reflexivo pela linguagem e poder transformador da Arte/Dança.

Agradeço a Viçosa e a UFV por me receberem e permitir ficar. Tão quão importante são muitos outros que não mencionei, mas coexistem com essa história e conquista que é NOSSA!

AMO VOCÊS!

RESUMO

Essa pesquisa problematiza a construção de significados dos participantes da Mosaico Cia de Dança Contemporânea sobre as experiências vividas nessa companhia que é vinculada ao Curso de Graduação em Dança, Departamento de Artes e Humanidades/DAH da Universidade Federal de Viçosa/UFV. O objetivo é analisar sentidos atribuídos por essas pessoas decorrentes de suas experiências junto à Mosaico. A pesquisa descritiva, de campo e de abordagem qualitativa, é alicerçada pela fenomenologia-hermenêutica e pela In-ex-corporação. São quatro participantes, sendo três do sexo masculino e uma do sexo feminino com faixa etária entre 18 e 60 anos, que contribuíram de diferentes formas em obras artísticas da Mosaico. Os participantes tiveram pelo menos uma experiência com a Mosaico, e enviaram histórias narrando suas experiências a partir de um protocolo adaptado da pesquisa de Doutorado de Alba Pedreira Vieira. Estes dados foram analisados com orientação da interpretação hermenêutica a fim de aprofundar reflexões sobre esse conjunto de narrativas, ressaltando nuances e subjetividades, assim como o que era mais comum entre participantes. Apresentamos os significados em cinco categorias de análise: (1) liberdade no processo de criação e atuação artística; (2) transformações na Mosaico; (3) relação consigo, com outros corpos e com o meio; (4) acolhimento mútuo; (5) percepções sensoriais: saberes do corpo. As discussões indicam a importância de intensificarmos trabalhos artísticos colaborativos em grupos e companhias de dança, como os da Mosaico, para que outras formas de se criar em arte e em dança sejam concretizadas.

PALAVRAS CHAVE: dança, significados, experiências vividas.

ABSTRACT

This research problematizes meaning construction by Mosaico Contemporary Dance Company the participants about their lived experiences in this Company, which is linked to the Undergraduate Program in Dance, at the Department of Arts and Humanities/DAH of the Federal University of Viçosa/UFV. The objective is to analyze meanings attributed by these people resulting from their experiences with the Mosaico. The research is descriptive, a field work and it has a qualitative approach; it also is based on phenomenology-hermeneutics and In-ex-corporation. There are four participants, three male and one female, aged between 18 and 60, who contributed in different ways to Mosaico's artistic works. Participants had at least one experience with Mosaico, and they sent stories narrating their experiences based on a protocol adapted from Alba Pedreira Vieira's Ph.D. research. These data were analyzed with guidance from hermeneutic interpretation in order to deepen reflections on this set of narratives, highlighting nuances and subjectivities, as well as what was most common among participants. We present the meanings in five categories of analysis: (1) freedom in the process of creation and artistic performance; (2) transformations at Mosaico; (3) relationship with oneself, with other bodies and with the environment; (4) mutual acceptance; (5) sensory perceptions: body knowledge. The discussions indicate the importance of intensifying collaborative artistic work in groups and dance companies, such as those at Mosaico, so that other ways of creating in art and dance could be developed.

KEYWORDS: dance, meanings, lived experiences.

Sumário

1.Contextos Iniciais	p. 07
1.1Um pouco de mim tecido por experiências e memórias artísticas universitárias.....	p. 09
2. Detalhamentos da Pesquisa.....	p. 11
3. Apresentação e análise reflexiva das experiências dos participantes ou colaboradores da Mosaico	p. 13
3.1 Liberdade no processo de criação e atuação artística.....	p. 14
3.2 Transformações na Mosaico	p. 16
3.3 Relação consigo, com outros corpos e com o meio.....	p. 19
3.4 Acolhimento mútuo	p. 23
3.5 Percepções Sensoriais: o saber do corpo	p. 26
4. Considerações Finais.....	p. 28
5. Referências bibliográficas.....	p. 31
Anexo 1. Protocolo.....	p. 33
Anexo 2. <i>Trance Dance</i>	p. 34

1. Contextos iniciais



Figura 1. Membros da Mosaico Cia de Dança Contemporânea. Foto: Viktor Maforte.

Participei como intérprete-criador da Mosaico Cia de Dança Contemporânea de 2015 a 2020; só me afastei devido ao distanciamento social exigido pela pandemia da COVID-19. Também fui bolsista de iniciação científica o que aumentou minhas responsabilidades junto aos trabalhos artísticos desenvolvidos pela Mosaico (como será chamada daqui por diante neste artigo)¹, que foi fundada e é dirigida por Alba Pedreira Vieira, e também é vinculada ao Curso de Graduação em Dança, Departamento de Artes e Humanidades/DAH da Universidade Federal de Viçosa/UFV. Ao longo dos anos, compreendi que o trabalho da Mosaico parte do princípio que o corpo pode se interrogar e pensar dançando. Cremos na prática indissociável da teoria para gerarmos problematizações e diferentes saberes por meio e em dança, e que tais conhecimentos se constroem na relação consigo mesmo, com outros seres e com o ambiente (Vieira, 2007, 2023). Nesse sentido, Setenta (2006, p. 36) afirma que “[...] O corpo organiza as suas mediações e a sua relação com o mundo, [...]. As negociações desencadeadas pela relação de troca com o ambiente constroem o corpo que atua de modo singular numa presentidade imediata”.

Na Mosaico, destaca-se a valorização do saber do corpo que dança (Katz, 1994) durante os encontros diversos dos participantes, seja nos laboratórios de criação com improvisação, nas apresentações de espetáculos de dança contemporânea, nas performances e ecoperformances, e/ou na

¹ Segundo as normas de Trabalho de Conclusão de Curso/TCC do Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa/UFV, o TCC pode ser apresentado como artigo quando o discente autor tiver sido bolsista de Iniciação Científica, o que é meu caso.

gravação de videodanças. Assim como afirma José (2011), a Mosaico se vale de caminhos imprevisíveis das artes, sem necessidade de operar com conceitos fechados e sem buscar caminhos prontos. Na sua essência, a Mosaico valoriza em seus participantes e colaboradores a capacidade contínua de gerarem pelo corpo dançante questionamentos e reflexões sobre o mundo que os cerca. Nesse sentido, afirma Alves: “A presença do homem no mundo se dá através do corpo. É nele, como espaço primeiro de comunicação que são escritas as vivências de cada um. [...] é a partir de sua existência corpórea que o ser humano percebe e é percebido, que age e interage com a realidade” (2006, p. 46).

A Mosaico explora a realidade pelo viés sensório-corporal e pela in-ex-corporação (Vieira, 2007, 2023), proposta desenvolvida pela diretora da Mosaico, que privilegia a produção de saberes e de significados pela ação/reflexão dos corpos dançantes enquanto se movem. Como nos sugere a artista pesquisadora Alba Vieira (2018), sua proposta é híbrida, inclui princípios de propostas diversas, tais como o Yoga e saberes de povos originários, e é associada à perspectiva de *embodiment*, ou seja, prioriza o saber do corpo que se constrói nas experiências vividas, assim como acolhe a escuta profunda, a atenção a si e a outros seres, a flexibilidade e porosidade para fazer confluir imprevistos ao longo da jornada artística, a valorização da intuição e do conhecimento tácito, dentre outros aspectos. A perspectiva da in-ex-corporação (VIEIRA, 2007, 2023) tem como um dos seus princípios fundamentais que materializamos, (re)construímos nossa dança e nos fazemos "artista de acordo com a intermitência existencial" (Vieira, 2018, p.213). Estamos sempre mudando, pois vivemos em um mundo que não é estável, mas sim caótico e que exige nossa capacidade de nos colocarmos em processos de contínua transformação.

Via experiências artísticas construídas e vivenciadas em grupo, os artistas da Mosaico, e aí eu me incluo, aprendemos a importância de explorarmos a fundo a multiplicidade de relações e seus significados. O que pode desencadear dessas relações? Qual conhecimento existe nos sentidos corpóreos? Essas são algumas questões que me atravessaram, corpo dançante, ao longo da jornada com a Mosaico. Pelas múltiplas vivências com essa companhia, passei a entender que estar atento aos sentidos permite valorizar os conhecimentos mais profundos da história de um corpo: lembranças, memórias, as percepções mais concretas em relação a si e ao ambiente, a atualização constante da imagem corporal (Leal, 2012, p. 123).

Minhas experiências na Mosaico ao longo de vários anos me fizeram perceber o corpo em seu potencial criativo, à medida que vive, convive e cria em dança contemporânea, colocando-se disposto e aberto para conexões com os mais diversos e diferentes tipos de pessoas, histórias e conteúdo. Introjetaram-se ‘pensamentos mosaicos’ de modo gradual em minhas maneiras de lidar e pensar a arte/dança, trazendo novas perspectivas e vivências. Senti maior profundidade e poder

reflexivo nas minhas criações artísticas, e um comprometimento ‘desumbilicado’ do meu antigo e prematuro “eu” narcisista - tanto como pessoa, como quanto artista. Nas múltiplas vezes que pude estar aprendendo na relação com o outro, fui conhecendo meus vícios corpóreos-gestuais, e me permiti desbravar outros caminhos, até então inusitados e enriquecedores. Fui assim, cada vez mais, tornando-me mais confiante para improvisar. Paulatinamente, percebi meu perfil profissional sendo construído no seio da Mosaico. Existia no início em mim, resistências no saber receber e me preencher dos conhecimentos oferecidos por minha nova família artística. Hoje sou muito grato ao tempo e à convivência nesse lar produtor de seres mais conscientes de sua autonomia criativa por meio da dança contemporânea e da performance.

A Mosaico me amadureceu para a arte e para a vida. Fui contaminado pelas proposições dançantes na contramão do apego excessivo ao virtuosismo e às convenções tradicionais. Nossa premissa nasce além de conquistarmos os holofotes; destacamos as diferenças de corpos que compõem a Mosaico, e privilegiamos o diálogo como gerador de saberes variados. Tais experiências me foram transformadoras, pois ampliei meu conhecimento sobre as concepções possíveis acerca dos inúmeros processos de criação em arte/dança. Minha compreensão de dança, via participação na Mosaico, ampliou-se no sentido de uma nova compreensão da corporeidade, pois o pensamento se fez corpo e o corpo que dança se fez pensamento, tornando-se um amplo território de pesquisas para múltiplas experimentações, explorações e descobertas (parafraseando José, 2011).

Minhas experiências artísticas junto à Mosaico foram gratificantes e me levaram a questionar como demais participantes e colaboradores também significam suas experiências naquela companhia de Dança. Esta inquietação gerou esta pesquisa. A seguir, detalho um pouco da minha experiência na Mosaico, dialogando minha subjetividade com pensamentos de pesquisadores da Dança.

1.1 Um pouco de mim tecido por experiências e memórias artísticas universitárias

A motivação para ingressar na universidade e cursar Dança como área de conhecimento e pesquisa veio do desejo de conseguir trabalhar e viver dessa arte que tanto amo. Iniciei nessa linguagem por meio de um projeto social de dança contemporânea da minha cidade, Paraopeba/MG, onde conheci e vislumbrei esse campo para além do lazer e entretenimento. Também queria ser um profissional da área. Meu engatinhar nesse universo não me mostrou as múltiplas possibilidades proporcionadas pela dança; assim, como aspirante a dançarino profissional, embora sempre com a chama da empolgação viva e ardente em mim, apenas reproduzia incansavelmente movimentos voltados para o virtuosismo, tais como grandes saltos emendados por diversas piruetas marcadas pelo “...e 5, 6, 7, 8”. Foram essas minhas primeiras referências, talvez ingênuas, da dança que perduraram por considerável tempo. Mesmo dentro da universidade, após ter ingressado no Curso de

Dança da UFV, as experiências da rotina artística desafiadora custaram a ser desmistificadas no decorrer do curso.

Um dos grandiosos desafios foi me desvencilhar dos clichês que contaminavam meus movimentos, e abrir espaço para que outras propostas pudessem adentrar meu corpo e ressignificar meu jeito de enxergar, lidar e experienciar a arte. Acabei adotado pela Mosaico, que me oportunizou trabalhar o autoconhecimento - princípio valorizado pela diretora artística a partir de sua experiência com yoga (vide Vieira, 2018), e esgarçar as paredes do labirinto construído por um jovem entusiasmado, mas, com pouca noção de criticidade artística e científica. Eu era iniciante navegador da longa e interminável jornada para desenvolver e desempenhar o papel de aprendiz. Foi difícil entender que só com humildade e postura de que teria muito ainda a aprender, eu seria então merecedor de uma identidade própria como artista de um processo autoral que não apenas copia o que já está codificado na dança. Aprender passos codificados e técnicas são muito importantes, não há como desconsiderá-los. Mas isso não basta para que a Arte se concretize em sua plenitude.

Na Mosaico há consenso que o ato de dançar não pode se reduzir à mera reprodução de passos articulados num compasso de estímulos sonoros. Isso está longe de significar a completude e complexidade do que é a dança. Tal se aplica para composição coreográfica na relação com a corporeidade do artista, pois se ultrapassa escolher simplesmente uma série de movimentos. Neste sentido, Tomazzoni (2014) afirma que não se pode ficar tratando a dança como apenas uma repetição mecânica de passos bem executados, pois “[...] fazer tais passos, na música, ursos, cavalos e poodles também fazem. Creio que o ser humano pode ir mais longe que isso. Talvez este seja o incômodo proposto por esta tal de dança contemporânea” (s/p).

Como artista, despertei-me para um lado curioso, instigado em experimentar o que me é diferente e desconhecido. Graças à Mosaico, eu consegui explorar minha criatividade e despertar meus potenciais artísticos antes encobertos. Uma das responsabilidades mais desafiadoras foi saber lidar com esse espaço de atuação que a diretora nos oferece. Na convivência com a Mosaico, notei que a mesma intensidade que tive em me agarrar ao virtuoso, se deu na desconstrução desses movimentos para o que antes consideraria movimentos “grotescos” ou estranhos. Foi como se um bichinho me picasse e meu corpo atingisse outra dimensão na qual pudesse me explorar e me redescobrir em outras maneiras de movimentações, gestos, pausas. Senti que me apresentaram a dança contemporânea novamente, mas por outro viés e com um horizonte vasto e infindável de potências para criações autônomas.

Algo interessante foi não precisar abdicar das minhas antigas movimentações para as recém-emergidas. Pelo contrário, a Mosaico me educou a equilibrar as expressões que meu corpo produzia. Nos laboratórios de criação aprendi sobre contrastes, mesclar o virtuoso com o que eu assim

identificava como “grotesco”, a “editar” movimentos e cenas de dança para criar uma coreografia, e a ser mais confiante em criar. Eu me fascinei pela forma como a diretora artística trabalha com as questões coreográficas. Ela me mostrou que existe uma infinidade de articulações e possibilidades entre a dança, a cena e o corpo. O que aprendi na Mosaico vai ao encontro do que afirma Alves: “o entrelaçamento entre os gestos, os acentos, as quebras na continuidade cinética, as mudanças no plano espacial, as nuances energéticas, as suspensões, dentre outras qualidades de experimentação, tecem a sintaxe da coreografia” (2007, p.2).

2. Detalhamentos da Pesquisa

Tendo em vista como tenho significado minha vivência com a Mosaico, busco nesta pesquisa compreender o que significa, para colaboradores ou participantes da Mosaico Cia de Dança Contemporânea, experiências vividas junto à essa companhia. O recorte é de 2015 a 2019 — período em que eu também participei como intérprete-criador. Podem esses significados contribuir para o aprimoramento do pensar e fazer artístico desse grupo de dança? Os demais artistas da Mosaico foram tão impactados como eu em seus entendimentos no pensar e fazer arte? Estas são duas das inquietações que me motivaram a desenvolver este estudo. Meu intuito é coletar histórias autobiográficas que não serão meras formas de registros; pretendemos, sim, trazer essas narrativas escritas para o centro da cena investigativa a fim de abrirmos novos espaços de compreensões sobre o que essas vivências “mosaicas” trarão como elementos de percepção e entendimento.

A pesquisa poderá ajudar de algum modo, interessados no assunto, ou seja, estudiosos e/ou artistas que visam trabalhar com significados de corpos que dançam em processos coletivos e colaborativos. A pesquisa também pode favorecer o engajamento de docentes e discentes da área da dança em suas relações de ensino-aprendizagem, pelo fato de entenderem que a formação em dança não se dá somente pelo aprendizado durante as disciplinas cursadas. Foi assim que aconteceu comigo, pois a aprendizagem com a Mosaico foi talvez a mais importante na minha formação acadêmica na UFV. Ao me envolver com a Prática Artística como Pesquisa (metodologia seguida pela diretora da Mosaico, vide Vieira, 2023), compreendi como se pode pela experiência artística vivida desencadear movimentos relacionais geradores de conhecimentos e autoconhecimento. Nesse sentido, Meyer (2018, p.66) reforça:

Aproximar-se do campo de pesquisa em dança (e não somente sobre dança) a partir da corporeidade do artista-pesquisador tem sido um dos desafios mais instigantes na atualidade. A implicação dos próprios pesquisadores em práticas de dança impõe desafios epistemológicos e metodológicos, seja no âmbito universitário ou não. Não é mais um pesquisador desincorporado. A dimensão incorporada da experiência e o deslocamento das noções de sujeito e de objeto nas práticas contemporâneas em dança despojam identidades e interioridades essencialistas e fixas. Inclui vivências no campo, em campo e com o campo. A noção *embodiment* nas artes do corpo,

a presença a partir da condição de fenômeno temporal corporificado, em contínua conexão com o meio, pressupõe a experiência e os desafios de sua compreensão e descrição.

Assim como afirma Meyer na citação acima, assumo-me como pesquisador que entra com sua corporeidade latente e potente nesse nosso² estudo, cujo foco é pela busca de significados. Somos impulsionados em sabermos o que são, como são e se há relações desses significados com afetações transformadoras dos envolvidos em suas experiências com a Mosaico.

O principal objetivo é coletar e refletir sobre significados atribuídos por participantes ou colaboradores, via histórias autobiográficas que descrevem experiências vividas (de 2015 a 2019), na Mosaico Cia. de Dança Contemporânea, vinculada ao Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa/MG. Como objetivos específicos, pretendemos: (1) correlacionar pontos peculiares e em comum entre as experiências artísticas junto a Mosaico dos participantes da pesquisa a fim de encontrarmos possíveis significados que tenham contribuído ou não para o pensar e fazer artístico em dança contemporânea; (2) analisarmos como estes possíveis significados de corpos que dançam podem contribuir para o processo de criação em dança contemporânea.

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa e pautada pela fenomenologia-hermenêutica e pela in-ex-corporação, um desdobramento da Prática Artística como Pesquisa, desenvolvido por Alba Vieira desde seu doutorado (Vieira, 2007, 2023), e que evidencia o corpo em suas relações como produtor de conhecimento. De forma semelhante à Vieira, assim também Ribeiro entende a pesquisa em Dança:

Abordar a pesquisa da arte da dança é tratar com objetos cujas dinâmicas oscilantes entre regularidade e irregularidade nos presentificam a complexidade do vir a ser. É trabalhar no cultivo e na construção de conhecimento corporificado, metafórico, teórico do/no corpo dançante instável, afetado, processual (Ribeiro, 2013, p. 80).

O estudo busca, por meio de histórias autobiográficas, extrair significados acerca das experiências vivenciadas por participantes ou colaboradores da Mosaico. Os participantes e colaboradores dessa Cia são, na maioria, membros da comunidade universitária e alguns outros da comunidade viçosense. Alguns são diretamente do Curso de Dança da UFV e outros discentes ou docentes de outras áreas (Arquitetura, Física, Letras, Agronomia, Comunicação Social, dentre outros). Os procedimentos metodológicos da pesquisa compreendem a coleta e análise reflexiva de uma história das experiências dos participantes ou colaboradores da Mosaico de acordo com protocolo (adaptado para este estudo) criado por Vieira (2007) para sua pesquisa de doutorado³. O

² Coloco “nossa pesquisa” porque esse artigo foi realmente elaborado e escrito por três pessoas: foram fundamentais as contribuições da minha orientadora e coorientadora nesse texto.

³ Disponível em:

https://www.academia.edu/28287828/The_Nature_of_Pedagogical_Quality_in_Higher_Dance_Education.

protocolo foi enviado por e-mail (vide anexo 1). Para análise reflexiva correlacionamos pontos em comuns e peculiares das histórias a fim de identificar melhor os elementos que se revelaram e contribuíram para compreender como se constitui uma companhia universitária que se dedica à criação em dança contemporânea, performance, ecoperformance, videodança, intervenção urbana. Imagens do acervo midiático da Mosaico são incluídas para ilustrarmos as histórias coletadas.

Optamos por referenciar os participantes ou colaboradores em suas histórias de experiências vividas junto à Mosaico pelas respectivas letras: (C, R, H, P). Das narrativas destes quatro envolvidos que contribuíram por nos fornecer seus relatos, correlacionamos aspectos em comuns e peculiares dentre duas experiências a fim de descobrirmos os significados existentes contidos nas mesmas. Apresentamos a seguir alguns dados etnográficos de cada participante.

Participante/Colaborador (C): Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFV, Artista Plástico e Cantor Lírico. Iniciou-se com a Mosaico a partir do ano de 2013 pela obra *Nostalgia de Cores*. Seu relato teve maior atenção em duas outras obras da Mosaico: *Corequitato* (2015) e *Intermeio* (2017).

Participante/Colaborador(a) (R): Iniciou-se com a Mosaico a partir de 2016 como intérprete-criadora na obra *Being Bricolage*. Na época, era discente do Curso de Graduação em Dança da UFV.

Participante/ Colaborador (H): Na época em que foi intérprete-criador na Mosaico, era estudante em Física da UFV. Foi também bolsista de iniciação científica da companhia por um período. Atuou também ministrando para qualquer pessoa interessada, oficinas de *trance dance* (vide detalhamentos no Anexo II) como uma atividade de extensão da Mosaico.

Participante/Colaborador (P): Convidado pela diretora artística para compor a paisagem sonora de trabalhos da Mosaico, é músico amador e na época, era estudante de Agronomia na UFV.

3. Apresentação e análise reflexiva das experiências dos participantes ou colaboradores da Mosaico

A partir de reflexões hermenêuticas, apresentamos as seguintes categorias que revelam o que há em comum e o que é peculiar nos relatos das experiências dos participantes ou colaboradores da Mosaico:

3.1 Liberdade no processo de criação e atuação artística

No universo artístico, independentemente de ser pensado pelo aspecto profissional ou amador e dos diversos gêneros existentes em dança, notamos com maior recorrência trabalhos artísticos que partem do princípio “copia e cola”. Uma pessoa coreógrafa, propõe suas ideias e os demais tentam

executar o mais fielmente possível o que lhes foi proposto. Essa relação acontece na maior parte das vezes entre coreógrafos e bailarinos. Não dizemos que isso é o certo ou errado. Porém, entendemos que o escopo de atuação, dessa forma, é muito reduzido e delimitado, com menor proveito da abrangência criativa dos bailarinos.

A dança contemporânea propõe desbravar perspectivas que vão de contramão dessa premissa ou linha de trabalho — muito embora existam os que preferem produzir suas obras por este método, assim digamos, conservador. Entendemos que a descentralização do poder criativo abre espaços para que outras ideias agreguem a produção em arte/dança e possam suscitar poéticas artísticas e provocar reflexões acerca da nossa existência e relação com o mundo. Como é feito na Mosaico, que privilegia essa liberdade no processo de criação e atuação artística. Mas é muito desafiadora a responsabilidade que existe nesta liberdade de propormos as próprias ideias e construirmos em colaboração e coletividade. Porque está além de expressarmos sobre nós mesmos. Precisamos encontrar formas de dançarmos a causa em comum e incitarmos novas indagações e questionamentos para melhoria do trabalho do grupo todo. A ação de criação é assim conjunta.

É essencial na Mosaico esta liberdade no processo de criação e atuação artística, inclusive, em seus trabalhos tem sempre momentos da função de direção emprestada. Assim temos o privilégio desafiador de podermos experimentar estar neste lugar e propormos nossas contribuições na prática. Mas como em todo trabalho cuidadoso de direção artística, a diretora da companhia é quem seleciona o que é “músculo” para confecção das cenas. Consideramos músculo o que é mais potente de cada intérprete-criador ou participantes e colaboradores do que é trazido pelo e para o grupo, seja um movimento, objeto, ideia e até mesmo algo que surge (uma fala, por exemplo) nos momentos de descontração da rotina de trabalho laboratorial. A diretora está sempre atenta e aberta a experimentações e adaptações. Portanto, todos que passaram pela Mosaico e tiveram contato mais próximo, podem perceber essas trocas relacionais simétricas durante o trabalho de criação. Os relatos lidos e analisados para esta pesquisa de (R), (P) e (H) indicam algo a esse respeito, como apresentado a seguir.

“[...] No processo coreográfico individual, cada um de nós escolheu seu movimento artístico e se baseou nele para criar os movimentos e células coreográficas [...]” (Participante R, 2023). Pelo depoimento de (R) percebemos que existem momentos do processo de criação que são individuais, que permitem aos artistas estudarem e testarem seus movimentos emergidos nos laboratórios de criação para posteriormente culminar em material cênico em que a diretora artística trabalhará em cima de cada proposta das obras. Importante ressaltarmos também que as definições criadas pela diretora estão sempre em diálogo com o grupo e sujeitas à reestruturação.

(P), assim como (R), percebeu a liberdade para criar sua música em laboratórios da Mosaico:

[...] Como foi algo fruto do momento, a ideia estava ainda amorfa; em minha cabeça sequer seu estágio primitivo já que nem o instrumento a ser utilizado estava decidido. Depois de uma análise superficial optei por um. Pelo prático, pelo versátil e pela minha maior afinidade, escolhi a guitarra; instrumento que considerei mais indicado em casos de incerteza artístico/musical; pelo fato de que eu seria o único responsável pela paisagem sonora, escolhi um pedal que tinha como artifício a capacidade de gravar sons de modo que era possível gravar diversas camadas cada uma com diferentes elementos [...]. (Participante P, 2023)

(P), um músico convidado pela diretora da Mosaico, compôs a paisagem sonora de algumas obras. Ele teve ampla liberdade para criar seu processo musical como bem quisesse, sem nenhuma imposição por parte da diretora artística da companhia. Assim, escolheu a guitarra como seu instrumento de trabalho (Figura 2 e Figuras 3 e 4). Algo muito relevante na Mosaico é abraçar os conhecimentos prévios de cada pessoa que entre para a companhia. A diretora tem sensibilidade para notar potência na bagagem cultural e artística de cada membro, e sempre consegue aproveitar dos nossos talentos incluindo-os na criação das cenas. Desta forma, a companhia tem assinatura de todos e a diretora faz questão de dar destaque às nuances dos envolvidos. A companhia é realmente um mosaico de pessoas que tem suas potencialidades, subjetividades e habilidades estimuladas, valorizadas, visibilizadas e incorporadas aos trabalhos artísticos.

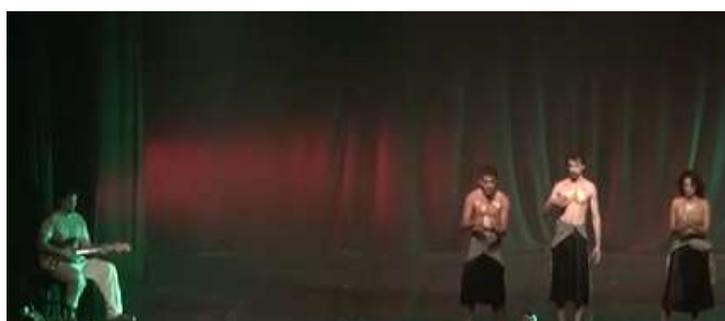


Figura 2: (P) tocando sua Música em ensaio da Mosaico, à esquerda. **Figuras 3 e 4:** (P) durante apresentação da Mosaico, espetáculo Dança Vadia, à direita acima e abaixo. (Acervo Mosaico).

O Participante (H) conta essa liberdade de atuação dentro da Mosaico o levou a propor para os membros da companhia que todos trabalhassem com *Trance Dance*, algo que só ele tinha conhecimento prévio:

[...] Venho aqui contar a experiência do primeiro *Trance Dance* realizado

pela Mosaico. As memórias de *Trance Dances* subsequentes se confundem com essa, mas fazem igualmente parte da narrativa, e serão inevitavelmente emprestadas para descrever a experiência de modo mais completo. (Participante H, 2023)

Tal como (P), (H) integrou a companhia por meio de um convite da diretora. Mas (H) veio para atuar como intérprete-criador. Anterior à sua atuação na Mosaico, (H) vivenciou o *Trance Dance* em uma comunidade alternativa na qual morou por alguns anos em Piracanga/BA. (H), após ingressar na Mosaico, compartilhou conosco esta sua experiência e manifestou desejo de ministrar aulas desta proposta como uma atividade de extensão.

Segundo o participante (H), a oficina *Trance Dance* é uma vivência de dança terapêutica, focada na conexão individual com o corpo e sua expressividade, sem formas ou objetivos. Por meio de músicas, estímulos, respiração e meditação, os participantes são levados para um espaço seguro e relaxado de conexão interior, na qual podem deixar o corpo expressar livremente suas vontades, alegrias e dores, sem o julgamento do olhar do outro (ou do próprio). Para permitir essa interiorização, todos os participantes realizam a oficina inteira vendados, deixando-se guiar pela música e estímulos, sempre protegidos pelos cuidadores.

A referida vivência começa com uma introdução sobre a oficina. No segundo momento os participantes colocam uma venda e deitam em colchonetes para uma breve meditação. A música começa mais suave e vai ficando agitada para estimular o movimento em forma de dança, passando por uma gama de ritmos étnicos e emoções. Ao fim da *playlist* a música volta a ser calma e contemplativa, induzindo o relaxamento para uma meditação final. No terceiro e último momento os participantes retiram as vendas e é feita uma roda de conversa e percepções sobre a experiência.

Na Mosaico, a diretora lhe deu liberdade irrestrita para ministrar o que queria; ele sentiu também a confiança depositada por demais membros da Mosaico, que o apoiaram em todas as oficinas de *Trance Dance*. (H) adaptou o *Trance Dance* para sua aplicação na companhia primeiramente, e depois também a membros da comunidade universitária e viçosense. (Figura 5)



Figura 5: (H) na oficina de *Trance Dance*. (Acervo Mosaico).

3.2 Transformações na Mosaico

O participante (H) relata como a experiência de poder trabalhar com *Trance Dance* na Mosaico o levou a um processo de transformação, pelo menos temporário, durante as horas em que estava nas oficinas que ministrava:

[...] Despedimos, sinto enorme alívio e orgulho ao juntar as coisas e apagar as luzes. O meu velho crítico interior retorna e renova sua voz com novos defeitos. Certamente retornar ao mundo prático traz de volta todas as questões deixadas à porta durante essas quase três horas. Mas, ao menos por hoje, eu dormirei em paz [...] (Participante H, 2023).

O processo de transformação é lento, não acontece em apenas uma experiência, mas o participante (H) sinaliza que nessa primeira oficina que ministrou de *Trance Dance* já conseguiu cobrar menos de si mesmo. Essa postura é incentivada pela diretora artística, que sempre nos estimula a dar e fazer o que temos de melhor, sem haver comparação entre pessoas. Ele inclusive afirma que nessa oficina de *Trance Dance* que ministrou, acredita que tenha havido também transformações em outros participantes (Figura 6):

[...] Em ordem, compartilhamos as experiências. O que foi visto e sentido, os seres habitavam os mundos interiores, os traumas revisitados, revividos, transformados. Relatos de que essa está entre as experiências mais intensas e transformadoras da vida de alguém, um singelo ‘workshop’ de dança [...] (Participante H, 2023).



Figura 6: *Trance Dance* - Roda de Conversa ao final da experiência. (Acervo Mosaico).

Essa fala de (H) é baseada na fala dos participantes após a oficina de *Trance Dance* que ele ministrou. É gratificante para (H) perceber que ele pode ter sido o mediador dessas transformações relatadas pelas pessoas presentes naquele dia. Ele complementa: “[...] eu sinto que vivi uma colagem da minha própria experiência, incertezas e vitórias, misturada com um pedaço de todas as demais [...]” (Participante H, 2023).

Essa colagem que (H) menciona sinaliza um processo de conexão com as demais pessoas, o que pode ter contribuído para que ele se sentisse transformado (ou seja, menos crítico consigo mesmo) durante a oficina.

A bailarina (R) compartilha o seu processo de transformação ao longo do período em que participou da Mosaico:

[..] Particularmente ao longo das disciplinas DAN 181 e Dan 184 [ministradas por Alba P. Vieira] juntamente com esse projeto da Mosaico eu pude perceber que eu não gostava de fingir sensações ou expressões enquanto danço, e esse projeto em especial me proporcionou desde sua etapa inicial vivenciar cada momento com intensidade podendo expressar meus sentimentos, sensações reais e quem eu sou como bailarina. Assim como também poder criar sem medo o que eu quiser e também transformar e desconstruir minhas criações [...] (Participante R, 2023)

Ela relata uma transformação a partir de uma descoberta: não gostava de representar em cena, queria expressar seus próprios sentimentos. Com essa nova postura, ela pôde vivenciar cada momento da criação com intensidade, pois ‘mergulhou’ no projeto para ser ela mesma. Ela também sentiu reforçada sua identidade como bailarina, quem ela era. E finalmente, ela relata como conseguiu criar sem medo, pois era ‘dona’ e tinha autonomia sobre suas criações. Esse relato de (R)

se relaciona com o que afirma Alves (2015) em sua dissertação de mestrado: “a dança, está profundamente relacionada com o autoconhecimento e com a autotransformação” (p. 27). Parece que foi isso que aconteceu com (R), primeiro ela descobriu o que realmente gostava (expressar a si mesma) e isso levou a uma autotransformação, pois ela encontrou sua identidade como bailarina.

(R) também revela o afeto/carinho que sentiu pelo projeto no qual se envolveu, o espetáculo *Being Bricolage*, e também o afeto no sentido de afetação, ou seja, ela foi impactada pelos diferentes modos de criar de forma colaborativa (com trocas ao invés de imposição de ideias) da Mosaico.

(C) testemunha uma experiência ímpar com a Mosaico, já que é artista plástico e sempre exibia ao público suas obras de arte, mas não a si mesmo. Quando expõe um quadro que pintou, seu nervosismo diante do público não afeta a obra que já está pronta, e foi pintada previamente em seu ateliê quando estava sozinho. A transformação veio ao atuar como cantor na Mosaico e perceber como a recepção do público influenciava sua atuação em cena. Isso o deixava nervoso, o que alterava sua performance. A auto exposição o levou a transformar sua percepção da relação mente e corpo, o que está subentendido nessa afirmação de (C): “[...] por isso, trabalhar com o Mosaico foi esta experiência aonde, mente e corpo se misturavam, e se estimulavam conjuntamente, [...]” (C) muda sua percepção da relação corpo e mente, e sua fala parece sugerir que antes de conviver com os processos da Mosaico, ele separava ambos. Porém, isso mudou, e ao alterar essa sua compreensão, de que mente e corpo são inseparáveis, sua fala vai ao encontro do que afirma Rangel, Schaffner e Carmo que entendem que “não há separação entre corpo e mente e o quanto este fato é importante para a Dança” (2016, p. 6).

A transformação de (P) foi relatada também de forma sutil. Ele fala das trocas com os corpos dançantes, enquanto ele compunha suas músicas, e como esses “câmbios” entre artistas (nesse caso, ele músico e demais bailarinos) exigiam dele uma “nova performance”.

[...] Engajar-se em um projeto artístico com outros contribuintes é um eterno câmbio; oferece-se algo que volta processado pela interpretação alheia e que conseqüentemente te exige nova performance. No meio de inúmeros flertes artísticos entre mim e os dançarinos encontrei um padrão de ritmos e acordes para formar o que viria a ser a base da paisagem sonora. Desse ponto até encontrar a melodia apropriada foi um processo de tentativa e erro, validado pela liberdade artística proporcionada, sempre observando a reação dos demais ao que lhes estava sendo concedido [...] (Participante P, 2023).

A transformação é relatada como um processo em que a melodia surge pela “tentativa e erro” e pela “liberdade artística” que sentiu ter dentro da Mosaico. Todos os participantes falaram de algum tipo de transformação ocorrido como consequência das suas respectivas experiências com a Mosaico. Nesse sentido, Cardoso (2016, p.7) afirma que a “dança é possibilidade de autotransformação, portanto, é parte do processo educativo.” Apesar de ser um projeto

extracurricular, ou seja, de educação não formal, a Mosaico proporciona aos participantes algo fundamental: a transformação ou autotransformação.

3.3 Relação consigo, com outros corpos e com o meio

Na Mosaico, com o tempo de convivência na rotina de trabalho da companhia, aprendemos sempre sobre a relação com nossos corpos e a interação com o ambiente e o outro. Gradualmente adquirimos maturidade e mais consciência na utilização dos movimentos e interações através da repetição intensa e experimentações. Isso nos possibilita identificar com mais propriedade nossos vícios e qualidades gestuais. Ampliamos também nossas perspectivas e percepções que englobam a dança e o espaço de atuação. Com isso aprendemos que os movimentos brotam em diálogo com a pesquisa e com quem e o que nos rodeia. Mas nada é sem embasamento. Nem todo tipo de dança e experiência na dança geram relações ou conexões entre diferentes corpos e destes com o meio. Em todos os relatos, (C), (R), (P) e (H) apontam sobre algum tipo de relação estabelecida durante os trabalhos da Mosaico:

[...] Ao longo deste período em que realizamos tantas atividades conjuntas citaria além desta já mencionada, “Correquitato” de 2015 e “Intermeio” de 2017. Comum a todos espetáculos foi o envolvimento de diferentes grupos de pessoas, entre eles alunos, e sua relação inevitável com o corpo como meio de expressão. Para alunos do curso de Arquitetura esta relação é fundamental, pois os edifícios e a toda cidade está pensada para o uso de pessoas e sua escala é sempre a medida corporal. Daí a riqueza destas relações. Para mim especialmente, lidar com desenho e pintura associado à dança é sempre surpreendente, pois tal como o corpo do bailarino se move, também se move o lápis ou pincel sobre um suporte (papel ou tela). Os movimentos de um bailarino sempre podem gerar formas gráficas e neste processo o desenho se enriquece [...] (Participante C, 2023).

Notamos que (C) através da participação com trabalhos da Mosaico, e também seus alunos do curso de Arquitetura, puderam desbravar perspectivas enriquecedoras sobre a relação consigo e com outros corpos. Interessante também é identificarmos que desenvolveram a corporeidade em suas áreas de atuação, fazendo associações entre como o corpo que dança desenha o espaço e como o corpo que observa esse outro corpo dançante desenha o que vê no papel. Essa fala de (C) contém um reconhecimento da forma democrática que é mais uma característica da linha de trabalho da Mosaico, em misturar corpos de diferentes idades, biotipos, pessoas e conteúdos de variadas áreas de conhecimento. Essa menção é bem relevante ao pensarmos em muitas companhias que optam por determinados padrões – só se aceita como bailarino alguém que tem uma bagagem corporal prévia adequada, por exemplo. Mostra ainda o quão surpreendente e potente são estas relações de diferentes corpos artísticos, e das suas qualidades que encontram dissonâncias, mas também harmonia e sintonia. A fala de (C) também revela que todos os corpos podem aprimorar a relação consigo quando dispostos a se lançarem intensamente em experiências como as nossas.

O corpo holístico se sente em conexão consigo e com outros corpos, além de estabelecer interações com sua arte (seja essa qual for). O corpo expressivo brota dessas conexões. Nesse sentido, (C) complementa:

[...] Assim, nunca poderia separar, desenho, pintura e canto do corpo. Toda expressão se dá a partir do corpo. A mão segura o pincel, mas a energia que anima um desenho ou pintura é física e mental. O toque da mão, o controle da linha ou mancha, é corporal, mas mediado pela intenção; no entanto, quanta tensão acumulada na mente e no corpo pode ser expressada pela mão?... Por isso, trabalhar com o Mosaico foi esta experiência aonde mente e corpo se misturavam, se estimulavam conjuntamente, tal como estas disciplinas ao estarem interagidas [...] (Participante C, 2023).

(R), antes mesmo de sua inserção na Mosaico, teve contato com corpos de outra área, Arquitetura, na aprendizagem de composição coreográfica e solística, duas disciplinas ministradas pela diretora da Mosaico. Isso lhe possibilitou criar em dança a partir do que aprendeu com esses outros corpos, no caso, (R) destaca o movimento surrealista nas Artes Visuais. Ela manteve esse aprendizado quando estava criando suas células de movimento autorais na Mosaico:

[...] Nesse período eu já havia cursado a disciplina de Composição Solística (Dan 181) e cursava a disciplina de Composição Coreográfica (Dan 184). Assim como na disciplina, na Mosaico nós fizemos uma troca com alunos do departamento de Arquitetura e Urbanismo onde nós dialogávamos sobre os movimentos artísticos do século XX. Como em um dos meus trabalhos para a Disciplina de Dan 184 eu abordei sobre o movimento surrealista, quando no Mosaico nos foi pedido para escolher um movimento artístico para nos basearmos e começarmos a criar algo, eu mantive o meu foco no surrealismo. (Participante R, 2023)

Os participantes (R) e (C) puderam trabalhar juntos dentro da Mosaico. Na época discente da Dança, a participante (R) contou com os conhecimentos aprendidos em duas disciplinas ministradas pela professora Alba Vieira, também diretora artística da Mosaico. Tais disciplinas tratam da relação movimento corporal e estratégias de manipulação para compor (vide Vieira, 2016). Quando cursou tais disciplinas, (C) trouxe seus alunos para realizarem um trabalho artístico em parceria. Os discentes do Curso de Arquitetura se uniram aos da Dança para aprofundamento de conteúdos de ambas as áreas. Por exemplo, houve aprendizado por parte de discentes da Dança sobre perspectivas de luz e sombras, formas e dimensões. Os discentes da Arquitetura aprenderam sobre formas corporais, desenho do corpo no espaço, fluência de movimento, dentre outros. Houve expansão das possibilidades das propostas artísticas com esses cruzamentos de áreas, e os discentes da Arquitetura criaram esculturas de papel cartão baseadas nos movimentos corporais dos dançarinos da Mosaico. As esculturas foram instaladas nas varas do Espaço Fernando Sabino, aonde o espetáculo *Being Bricolage* foi apresentado, e pareciam flutuar (figura 7).



Figura 7: Cenário de *Being Bricolage*. Esculturas de papel cartão nas varas, resultantes das conexões entre diferentes corpos. Fonte: Acervo Mosaico.

O participante (P) relata que reconheceu, ao ser membro da Mosaico, como sua composição musical é fruto das trocas com o meio. Esse meio eram os laboratórios de criação da Mosaico, e neles, enquanto nós dançávamos, ele nos observava e compunha suas músicas em um processo de conexão psicossomática, como (P) indicou. A construção da sua paisagem sonora foi fruto de um diálogo corporal entre os diferentes corpos que se encontravam no estúdio do Curso de Dança. Na sua fala, a seguir, podemos perceber que o músico entende o processo musical de forma completamente associada aos acontecimentos no seu entorno. Ele se indaga como isto o tira da sua zona de conforto, pois nessa criação em que seu corpo interage com outros corpos, sua composição sonora não se resume a uma relação individual com seu instrumento de trabalho:

[...] Percebo uma vez mais que a absorção do meio é direta influência na produção musical. Grande parte do processo criativo é fruto do diálogo entre o influxo de informação e a interpretação dos mesmos; e a resposta voluntária ou não, passa pelo crivo da conexão psicossomática; do quanto seu corpo pode reproduzir com o maior grau de precisão o que lhe foi ordenado. Ainda que em muitos casos se possa associar de maneira coesa uma música a atos contínuos e imagens, há uma diferença palpável entre esboçar uma obra musical de maneira livre, sem um guia, e pensá-la inserida em um contexto com sujeitos alheios a mim com interpretações que vistas de fora parecem aleatória [...] (Participante P, 2023).

O músico (P) tem uma incrível percepção do potencial da dança de outros corpos em sua criação sonora. Para ele foi imprevisível e desafiador se jogar nesta experiência nova. O participante (C) narra como seu corpo, quando encontra os vários corpos do público e o ambiente teatral, assume outros estados: “[...] O teatro, a plateia e a acústica também interferem neste corpo que canta, pois, a recepção do público pode afetar a atuação, no meu caso, em função da experiência que se iniciou com *Intermeio* e foi demonstrativa desta relação. Certo nervosismo que afeta ao corpo e a voz [...]”.

Houve nervosismo no encontro, natural em quem não estava acostumado a se apresentar

publicamente, como era o caso de (C). *Intermeios* foi uma de suas primeiras apresentações como cantor, e ele se apresentou com a diretora da Mosaico, que dançava nesse espetáculo. Havia um público considerável. Essa experiência de profunda conexão é descrita pelo participante como “total”. De fato, a Arte, em particular a Dança, é potente em gerar conexões, relações entre corpos.

Tive o prazer de trabalhar com o (C) dentro da Mosaico por um bom tempo. Nesse período de convivência, observei que o mesmo, embora provido de várias atribuições e talentos artísticos, mostrava-se tímido e mais conservador em suas atuações. À medida que somava experiências com a Mosaico, era nítida sua evolução com a questão da timidez. Aos poucos ele se permitia arriscar e aparecia mais à vontade nas cenas de espetáculos e performances. Acredito que o incentivo, o acolhimento e a confiança na companhia e em seus membros favoreciam seu desabrochar neste aspecto.

Para (H), na oficina de *Trance Dance* relatada houve profunda troca de energia e vibração entre os corpos. Assim,

[...] Os cuidadores dançam entre os corpos contaminados (ou talvez os contaminadores iniciais), exercendo sua função em um saltitar radiante, tão imersos quanto os vendados. A proteção é feita por um braço esticado, mas as vezes é necessária a rápida interjeição do próprio corpo do condutor, para proteger uma cotovelada que vai na direção de uma cabeça inocente, sacrifício pequeno que faz parte dessa dança dualística entre condutores e vendados. Se eles são moléculas em reboição, nós somos o meio físico entre eles, que dá ou resiste à passagem fluidamente, transmite energia e vibração (Participante H, 2023) .

Esse trecho da história de (H) demonstra a relação com outros corpos em que se preza pelo cuidado e pela liberdade. Na oficina havia cuidadores voluntários, membros da Mosaico, atentos aos praticantes que se moviam com liberdade pelo estúdio, mas de olhos vendados. Um corpo zelando pelo outro. Para realização da oficina de *Trance Dance* foi crucial já termos amadurecido a relação entre nossos corpos/membros da Mosaico (devido ao considerável tempo de trabalho juntos), para só então assumirmos a responsabilidade de “anjos” de outros corpos. A prática de dança na oficina de *Trance Dance* acontece a maior parte do tempo com vendas nos olhos e os praticantes devem confiar a sua integridade e segurança ao facilitador e cuidadores. Além de conduzir outros corpos, algumas vezes ousamos realizar com eles movimentos mais elaborados e interagir de maneira mais respeitosa e responsável possível. Exercitamos os saberes adquiridos na jornada com o Mosaico neste sentido.

3.4 Acolhimento mútuo

Nesta categoria abordamos algumas situações relatadas nas histórias coletadas em que o acolhimento mútuo foi determinante para o sucesso da realização artística. Houve acolhimento inclusivo (das pessoas que chegavam, das ideias, das problematizações, das tensões, dentre outros), o que é nutrido e trabalhado na rotina artística consolidada pelo tempo e a convivência. Tal

acolhimento está intimamente ligado às características essenciais já mencionadas da Mosaico e sua linha de atuação: processos coletivos e colaborativos. O acolhimento favorece o sentimento de pertencimento, e assim membros ou parceiros da Mosaico se deixam ser atravessados e se transformarem em membros familiares artísticos. Para se sentir acolhido, é necessário se permitir receber o afeto, um abraço contínuo, ter ouvido atento e olhar cúmplice que são acumulados em experiências diversas e deixam seu legado, como lembranças afetuosas.

Na contínua coexistência na Mosaico, em que nem tudo são flores, pois há conflitos, passamos a conhecer melhor a nós mesmos e aos parceiros de jornada. Desenvolvemos o senso de coletividade através das trocas mútuas, e nos sentimos incluídos, parte importante do trabalho de dança sendo criado, conforme Santos e Figueiredo (2003, p.115) afirmam: “A inclusão não se dá de forma isolada. Ela precisa das parcerias para ser e acontecer.” Um fator essencial de sustentação dessas parcerias que geram inclusão, é amorosidade criada pelo tempo de convivência, o cuidado e a confiança artística de artistas capazes e dispostos a se contaminarem dessas relações em que abraços e conflitos são respeitados como possibilidade de transformações para melhorias de si e do coletivo. Por meio de ações colaborativas de arte/dança. Assim percebemos essa amorosidade conforme Ávila e Baptista (2018, p.121) sugerem: como uma maneira de tornar as relações saudáveis e libertárias.

A participante (R) afirma que “[...] nós também nos sentávamos e dialogávamos tanto sobre as inspirações, os estímulos e o processo num todo. Várias ideias iam surgindo e antigas ideias iam se transformando ou acabavam sendo descartadas [...]”. O acolhimento se faz presente pela abertura de espaço para a confluência de ideias. A diretora artística acolhe esses momentos como oportunidade para inspirar a participação colaborativa de membros da companhia e organizar e selecionar as ideias postas. É também um instante sagrado do grupo para nutrirmos a intimidade e nos conhecermos melhor, como destaca (R) (2023): “Para mim, a afinidade e união do grupo desde o início me auxiliou a estar mergulhada mentalmente e fisicamente em todo o projeto.” Ela relata, com outras palavras, uma forma de acolhimento.

A participante (R) ainda relata que umas das cenas que mais lhe tocou foi "Abraços" (figura 8). Criada em conjunto com outra participante, a simplicidade e intensidade transformaram a cena. Pela convivência que tínhamos nos processos de criação da obra *Being Bricolage*, fui observando que ela tinha uma afinidade com o balé clássico e também com as danças urbanas. Dois vocabulários bem opostos e peculiares. Em termos técnicos exigem alto nível de precisão e execução. Então se mostra muito interessante o simples abraço ter brotado da participante, e também ser o que a fez se sentir muito tocada. Percebo que a Mosaico acolheu (R), além de ter lhe provocado novas perspectivas de criação autoral que não se limitavam a repetir com exatidão passos codificados.

[...] Pessoalmente, coreograficamente uma das cenas que mais me impactou foi a cena do “Abraços” que eu realizei e criei juntamente com a minha colega Amanda, tanto pelo modo como ela surgiu (de uma maneira singela e não proposital), como por estar ali e fazer parte da cena quando ela acontece e até mesmo assistindo a cena em vídeo após o espetáculo (como espectadora) me traz inúmeras sensações, sentimentos e interpretações diferentes. Transformar algo que surgiu espontaneamente e que poderíamos classificar como “simples” e “pequeno” em uma crescente que vai se transbordando até chegar no seu “ápice” e no seu modo mais “gigantesco” possível, foi um trabalho complexo para que cada momento da cena fosse algo realmente vivido, sentido por nós duas sem perder a conexão ao executar as movimentações [...] (Participante R, 2023).



Figura 8: Abraços - *Being Bricolage* (Acervo Mosaico).

O espírito inclusivo como família artística também tomou conta de ®, sendo um dos sentimentos e efeitos comum aos membros da companhia na época em que atuei na Mosaico. Sinto que esse sentimento de “acolhimento” é inexplicável e inenarrável sua descrição. Mas sinto que era nosso combustível mágico, o acolhimento mútuo (de nossas potências, fraquezas, alegrias e tristezas, ...) fazia as apresentações serem momentos de profunda intimidade entre nós e fortalecimento do nosso laço afetivo. Permitia-nos eclodir em erupções de êxtase e sensação de que valeu a pena todo processo e experiência conjuntas em que acolhemos todos os momentos de alto astral como também os de baixo astral:

[...] Para mim, a afinidade e união do grupo desde o início me auxiliou a estar mergulhada mentalmente e fisicamente em todo o projeto. As palavras que resumem a minha experiência são IMERSÃO e CONEXÃO, seja partindo do lado pessoal quanto dos integrantes da Mosaico em todo o processo desde a criação, as trocas, as ideias, a coreografia. Isso com certeza contribuiu para que o resultado final da obra fosse tão bem visto e elogiado pelo público. Assim como também contribuiu para minha experiência pessoal que foi gratificante, serviu de muito aprendizado e trouxe várias reflexões como interprete, como criadora e como bailarina pra mim. Tenho muito carinho pelo projeto *Being Bricolage* (Participante R, 2023).

O músico (P) relata o acolhimento mútuo de uma outra forma. Desde o início de sua jornada na Mosaico ele foi espontaneamente acolhido pela companhia de forma intensa e calorosa. Seu apelido era Dionísio, pois é belo e alegre como este deus grego. Esta acolhida se potencializou em estímulo no seu desempenho e transformação como nosso artista musical. Ao final de um laboratório de criação, ele narra o seguinte trecho de acolhimento mútuo:

[...] Tenho aula em 30 minutos; [os dançarinos] sentam-se em volta à mesa. Está na hora da confluência de identidades artísticas e corpos que visivelmente estiveram em intenso movimento físico e mental. Entendo à primeira vista que o sentimento geral é o da satisfação de estar presenciando a gênese de algo novo e possivelmente empolgante. A despedida da jornada é informal e calorosa como foi o resto. Abro o livro de Fisiologia Vegetal com a música ainda em mente, [...] (Participante P, 2023).

Ele narra uma experiência calorosa. O acolhimento traz essa sensação de bem estar, de não se estar em um ambiente frio, desprovido de afetividade. Com a Mosaico é assim.

3.5 Percepções sensoriais: o saber do corpo

Há algo que aprendemos na e com a Mosaico: percepções sensoriais são aspectos do saber corpóreo. Aprendemos a narrar esses saberes por meio de uma linguagem metafórica, em que tais percepções são descritas, e passamos a relatar cheiros, cores, sensações corporais diversas. Assim, nesta categoria, trago principalmente os relatos de (H) e (P) que têm descrições sensoriais nas quais ambos valorizam a riqueza de detalhes da natureza, cheiros, sons e metáforas. Esses trechos nos trazem uma sensação mais corporificada de suas experiências compartilhadas. Selecionamos um trecho de cada. Esse relato é sobre a oficina de *Trance Dance*:

[...] Ao tomar o chá simbólico, a etapa de meditação de encerra. A música, então calma, dá lugar à sons naturais, uma cacofonia crescente e misteriosa que poderia ser esperada de uma mata atlântica, combinando música indígena, instrumentos e sons animais produzidos pelos condutores. Aos vendados, nossos sons aos poucos comunicam uma intenção de batalha: Passos fortes e ritmados batem na madeira perto de suas cabeças, expirações fundas descarregam as tensões do corpo, grunhidos e assovios de pássaros brotam. O objetivo é tirá-los do lugar confortável que estavam, agitar, instigar, até amedrontar em certo nível, e os corpos e sons dos condutores são o canal para isso, tomados por um espírito animal novo até para eles [...] (Participante H, 2023)

Podemos observar que (H) descreve minuciosamente muito do que esteve presente no ambiente da oficina de *Trance Dance*. Os cuidadores agem como animais, a música remete a sons de indígenas, ou à mata. A linguagem é poética, porque na Mosaico a poética é que nos move. Já (P) usa também uma linguagem cheia de imagens para descrever um dia em que chega no prédio do Curso de dança para um laboratório da Mosaico:

[...] Carro estacionado; depois de andar de modo pouco gracioso pela

entrada do departamento carregando todos os apetrechos, entro e espero. A corrente de vento no corredor traz um alívio momentâneo e me pego observando um lugar que há tempos não visitava. Com um suspiro que me quebra a inquietação, faço o esforço de interagir com a secretária e lhe pergunto onde era o local e em seguida a mesma aponta com o dedo. Ao entrar, um estúdio grande; uma miríade de estímulos sensoriais e cognitivos e a sensação trazida pelo contraste de tamanhos; de um corredor apertado, pequeno, diretamente a um estúdio de dimensões grandes os suficientes para eu ter que calcular a dinâmica da acústica no local. Cheiro de madeira misturado ao peculiar odor de espaço usado para cinesia humana; contrapondo o ar antrópico, exuberante vegetação que proporcionava, além do frescor natural, uma remissão a algo familiar, menos formal, mais propenso a fazer aflorar o ímpeto de sair da estática criativa [...] (Participante P, 2023).

A memória é inundada pelo cheiro da madeira, o vento batendo no corpo, o cheiro do suor. A memória é corporal, o que nutre o trabalho na Mosaico. Os ricos detalhes sensoriais relatados pelos artistas (H) e (P) são atravessados pela forma poética com que ambos teceram suas descrições. É o indicativo de que se deixaram contaminar pela arte não somente no seu fazer, mas também no seu escrever. As nossas práticas artísticas são pura poesia, e essa poesia se faz presente na memória desses dois membros da Mosaico. Há profundidade imaginativa nos seus relatos, e disposição para se lançarem nesses movimentos interiores do saber corporal em diálogo com os movimentos exteriores que sempre envolvem nossas percepções. Esse saber é discutido por Vieira e Bond (2017) e também por Pellini (2016, p.4) ao explicar o que denomina Arqueologia Sensorial:

[...] a Arqueologia Sensorial é a mais básica das Arqueologias. Somos seres encorpados, sendo assim, nossa experiência do dia a dia é uma experiência sensorial. Captamos as informações do mundo através dos sentidos. Cores, texturas, aromas, paladares, a sensação de movimento, de calor, de peso, tudo nos é apresentado através dos sentidos. Entre nós humanos, não há nada mais básico do que nossa relação sensorial com as materialidades do mundo. Os sentidos representam o domínio mais fundamental de nosso engajamento com o mundo, o meio pelo qual todos os valores e práticas são performados. Mesmo nossas memórias são criadas e ativadas através de nossa relação sensorial encorpada com o mundo material. Se vivenciamos o mundo através dos sentidos, precisamos entender como pensamos e estruturamos os sentidos, para assim entendermos como vivenciamos o mundo à nossa volta.

Essa Arqueologia Sensorial discutida, é uma base importante da arte/dança contemporânea. Corpo é produção de saber, assim como incessantemente nos lembra a diretora da Mosaico. Isso era sempre lembrado nos nossos processos de criação em dança, “pensem e conversem com, a partir e via corpo; com, a partir e via suas percepções sensoriais”, dizia constantemente Alba. Essa provocação aos artistas da Mosaico provoca uma tempestade de questionamentos, pois passamos a entender que o corpo em movimento está produzindo sua forma de pensar. Isso se relaciona com nossos laboratórios, e com a seguinte discussão:

Habitualmente, no processo criativo em dança, muitas questões arquitetam a

estrutura corporal do artista. Afinal, de onde parte o processo de criação? E a força de mobilização da ideia, de onde vem e para onde vai? Quem é a pessoa – corpo indivíduo – que está posta em cena? O que nesse processo tem de real importância para o artista enquanto ser político? (SANTOS; SILVEIRA, 2012, p. 73).

Entendo que considerar percepções sensoriais e o movimento dançante como saber do corpo nos permite ser seres que assumem uma determinada postura política. Não somos apenas seres que pensam com a mente. A dança é uma forma de pensamento. Com ela, podemos explorar uma infinidade de possibilidades, e as diferentes percepções corporais atividades enquanto dançamos potencializam não só a cena como transformam nosso modo de ser e conviver, de falar e de escrever, de agir e de pensar.

4. Considerações Finais

Analisados os relatos, concluímos que todos os participantes/colaboradores da Mosaico ampliaram suas perspectivas sobre as possibilidades de pensar e criar arte por meio da dança contemporânea. Foram importantes e impactantes as experiências com a companhia para modificar sua criação e realização artística e seu modo de abordá-las.

Participantes narraram que tiveram liberdade para propor iniciativas que tinham relações íntimas e profundas com suas respectivas histórias de vida prévia à entrada na Mosaico. Puderam aprender a dialogar com diferentes áreas do conhecimento, corpos, culturas, histórias e identidades tendo em vista essas parcerias como potencializadoras da cena contemporânea. Aprofundaram-se melhor no constante aprendizado e conhecimento sobre as relações com seus corpos, com outros corpos e com o meio ambiente.

Independentemente da área de atuação (por exemplo, tivemos participantes da Biologia, Física, Arquitetura, Agronomia), a vivência artística com a linha de trabalho colaborativa da Mosaico permitiu com que a união das diferenças somasse força na produção da arte da dança. Assim como eu aprendi na Mosaico, participantes revelaram as diferentes formas que compreenderam que não precisamos nos deter em padrões duros e conservadores da Arte. Podemos ousar e criar movimentos autorais, oficinas de *Trance Dance*, cantos e desenhos, enfim, ter iniciativas próprias e, assim, darmos vez à nossa autonomia.

Reconhecemos a necessidade de nascer outras companhias universitárias como a Mosaico para perpetuar o legado da arte crítica e transformadora, que divulga seus trabalhos para todas as camadas da sociedade. A produção de obras artísticas questionadoras permite tensionar o que está dado, o que é fundamental se considerarmos que vivemos em uma sociedade que geralmente prega a cópia.

As reflexões sobre as histórias nesse texto apresentadas me permitem sugerir que o projeto da Mosaico Cia de Dança Contemporânea vislumbra a diversidade e as diferenças múltiplas como potência da criação de suas obras artísticas, pois protagoniza a singularidade dos mais diversos corpos, idades, gêneros, pessoas com relação direta ou indireta com as artes, a exploração dos talentos criativos no troca-troca de papéis como intérpretes-criadores, assistentes de direção e produção, e/ou como ensaiadores. A função de auxiliar de direção que cabe a cada membro da Mosaico, em momentos oportunos, fortifica o grupo dando mais voz e vez aos participantes. Assim, há um respeito pela afirmação da cidadania de cada membro da Mosaico.

Meu desejo é que possamos, com esta pesquisa, causar indagações e talvez até influenciar outros grupos artísticos que ainda se nutrem de formatações baseadas em modos convencionais e conservadores do pensar e fazer artístico. Também podemos inspirar o surgimento de novas companhias ou grupos de dança contemporânea com essa linha de trabalho descentralizada e que responde artisticamente de modo crítico e construtivo às demandas e questões sócio-político-educacionais de forma a tensionar aspectos estéticos considerando os éticos. Essa é uma postura anti-colonial.

Para finalizar esse artigo, incluo o registro fotográfico (figura 9) de um momento significativo, em que eu abraço Alba durante uma apresentação artística. Um abraço intenso que simboliza minha forte ligação com a Mosaico, que tantos aprendizados trouxe para mim e para demais membros da companhia, como revelaram as histórias que coletei.



Figura 9: Da Mosaico para Vida! Nosso Lar! Fonte: Acervo Mosaico.

Incluo mais um registro: uma das últimas apresentações que fiz com a Mosaico, o espetáculo Horas Perigosas (figura 10).



Figura 11: *Horas Perigosas*. Foto: Felipe Menicucci.

Incluo também um pequeno poema como meu “muito obrigado” por todas as experiências enriquecedoras vividas na Mosaico, e finalmente uma última imagem (figura 12) da cena final de *Being Bricolage*, minha obra preferida na Mosaico.

Mosaico Poético

*Aqui nos entrelaçamos,
trocamos afetos,
rimos,
choramos
e colorimos o LAR
Aqui nos aproximamos,
demos pausas,
nos reinventamos
e continuamos a DANÇAR
Aqui misturamos verbos,
bagunçamos ofícios,

mergulhamos em sonhos
e conseguimos REALIZAR
Aqui tivemos de todos,
aproveitamos de tudo
e nos foi possível AMAR!*

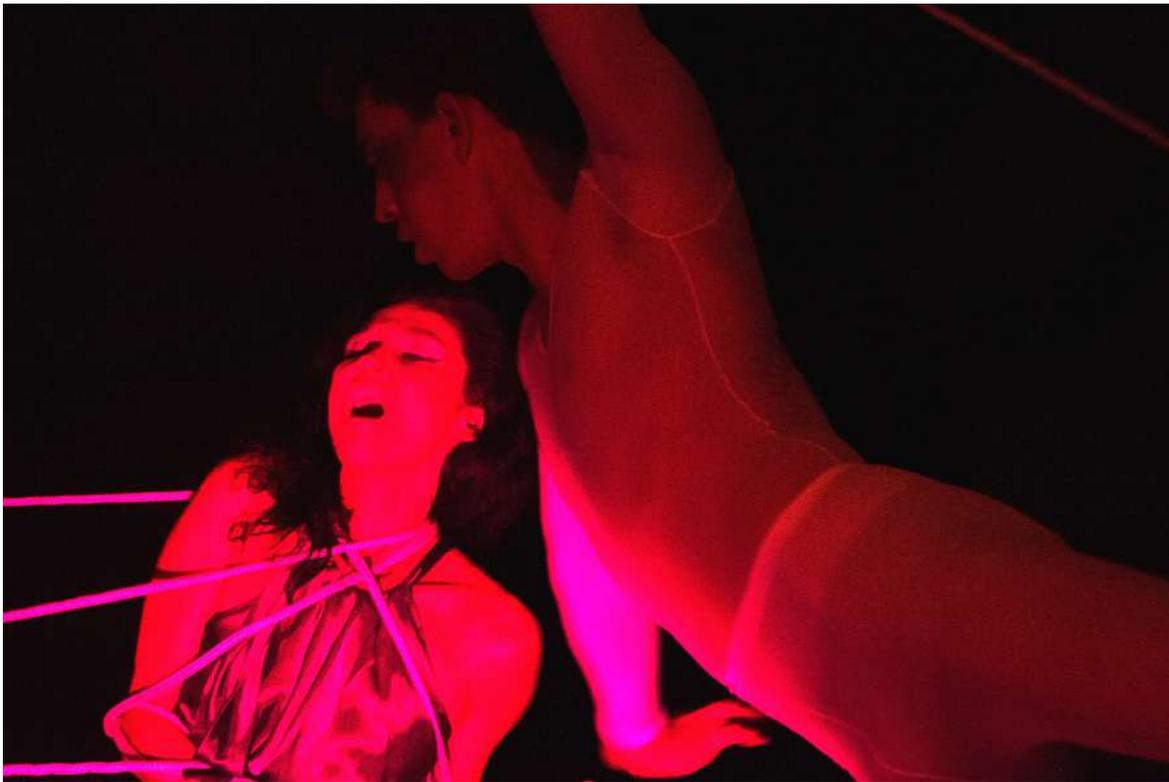


Figura 12: Cena das Cordas de *Being Bricolage*. Foto: Viktor Maforte.

5. Referências Bibliográficas

ALVES, Flávio Soares. Composição coreográfica: passos furtivos de dança. **Revista TFC**, Edição 1, Ano 4, p. 1-11, 2007.

ALVES, Teodora de Araújo. **Herdanças de Corpos Brincantes: saberes da corporeidade em danças afro-brasileiras**. Natal/RN: EDUFERN, 2006.

ALVES, F. P. M. **Dança Neuroreabilitação e Inclusão: Potencialidades do Recurso à Dança em Programas de Reabilitação em Casos de Acidente Vascular Cerebral Doença de Alzheimer e Doença de Parkinson**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Portugal, 2015.

ÁVILA, Newton; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **A expressividade da Dança Circular**. Revista Hospitalidade. São Paulo, volume 15, n.01, p. 117-140, jan-jul de 2018.

CARDOSO, K. W. **Dança brasileira forró pé-de-serra: arte espontânea da nossa cultura - das origens ao movimento da vida**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFSC, 2016.

JOSÉ, Ana Maria de São. **Dança Contemporânea: Um conceito possível? Anais.... V Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão/SE, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/985>. Acesso em: 23 ago. 2023.

KATZ, Helena. **Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo**. Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo: 1994. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21162>. Acesso em: 10 set. 2023.

LEAL, Patrícia. **Amargo perfume: a dança pelos sentidos**. São Paulo: Annablume, 2012.

LUNA, Sávio Jordan Azevedo de. **A narrativa corporificada na dança: um caminho para a resiliência e a resignificação do indivíduo.** 2018. Doutorado em Estudos da Linguagem. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MEYER, Sandra. Perspectivas autoetnográficas em pesquisas com dança contemporânea. In: CAMARGO, Giselle. G. A. (Org.). **Antropologia da Dança IV.** Florianópolis: Insular, 2018.

PELLINI, J. R. Arqueologia com Sentidos: Uma Introdução à Arqueologia Sensorial. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 9, n. 4[14], p. 1–12, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8643516>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RENGEL, Lenira Peral; SCHAFFNER, Carmen Paternostro; OLIVEIRA, Eduardo. **Dança, Corpo e Contemporaneidade.** Salvador, Bahia: UFBA, Escola de Dança, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29059>. Acesso em: 20 mar. 2020

RIBEIRO, M. M. Pesquisa em Dança: processos e travessias. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/7184> . Acesso em: 25 mar. 2023.

SANTOS, Zelo Martins dos; SILVEIRA, Danilo. **Corpo imaginado: sobre vivências e conceitos percebidos no processo de criação.** Revista Dança, Salvador, v. 1, n. 1, p. 68-76, jul./dez. 2012.

SETENTA, Jussara Sobreira. **Comunicação Performativa do Corpo: o fazer-dizer da contemporaneidade.** Tese de Doutorado. Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC/SP: 2006.

TOMAZZONI, Airton. **Essa tal de dança contemporânea.** Digestivo Cultural. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3972&titulo=Essa_tal_de_Danca_Contemporanea. 2014. Acesso em: 15 out 2023.

VIEIRA, Alba Pedreira. **The nature of Pedagogical Quality in Higher Dance Education.** Tese de Doutorado. Filadélfia, Estados Unidos, Temple University, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/28287828/The_Nature_of_Pedagogical_Quality_in_Higher_Dance_Education>. Acesso em: 12 jul. 2023.

_____. Dramaturgia ... dos corpos dançantes. **Caderno do Gipe CITE: Processos Criativos: dramaturgia, materiais e improvisação**, n. 37 ano 20. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/article/view/35480>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

_____. Processos Criativos e Dança: diálogos em movimento. In: SILVA, C. A. F.; MORAES, D. R. de (org.). **Processos Criativos em Arte/Educação: dos contextos educacionais à cena performativa.** São Paulo: Fonte Editorial, 2018. p. 209-237.

_____. **Mosaico de pesquisas em artes da cena: em foco, dança contemporânea e performance.** Belo Horizonte: EBA-UFMG; São Paulo: Tikinet, 2023. Disponível em: <https://ebook-alba.surge.sh/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

VIEIRA, A. P.; BOND, K. E. Experiências vividas em Dança: Arte e relacionamento corporificado. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, p. 129–149, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15501> . Acesso em: 1 out. 2023.

ANEXO 1 - Protocolo

PROTOCOLO PARA VOCÊ ESCREVER SUA HISTÓRIA E ME ENVIAR (BASEADO EM VIEIRA, 2007)

Prezado/a membro ou parceiro/a da Mosaico,

Por favor, envie-me no corpo de e-mail e também como anexo em word, uma história (máximo de duas páginas) sobre uma experiência sua com a Mosaico. Tente descrever o evento principal que marcou essa história em detalhes do começo ao fim: o local e hora em que a experiência ocorreu, quem estava lá e o que aconteceu. Gostaria que você se colocasse de volta na situação e escrevesse sobre quaisquer sentimentos, humores, cores, cheiros, energias e outras impressões sensoriais de que você se lembra. Se você se lembra de um diálogo específico ou interações não-verbais (por exemplo, olhares, gestos), inclua-os como parte de sua narrativa. Quando eu ler sua história, gostaria de poder me imaginar lá. eu gostaria de ser transportado para suas experiências junto à Mosaico nessa ocasião em particular.

É só uma experiência, não conte mais que uma, mas por favor, apresente riqueza de detalhes descritivos do que aconteceu. Evite apresentar explicações causais retrospectivas ou interpretações de sua experiência. Estou mais interessado em, ao ler sobre suas memórias, quais foram pensamentos e sentimentos na época que o evento junto à Mosaico aconteceu, e não sua impressão sobre o evento agora. Descreva apenas, não julgue o que aconteceu (se foi certo ou errado, bom ou ruim, ...).

Preciso também do seu consentimento informado para seu envolvimento devido às questões éticas. Assim que você me enviar a história, envio o termo de consentimento para você assinar e me enviar.

Qualquer dúvida eu e minha orientadora Alba Vieira estamos à sua disposição.

Aguardo o envio da sua história até o dia 10 de abril no máximo, por favor.

Abraço Cordial,

Caio Figueiredo

Esse protocolo foi adaptado para essa pesquisa do protocolo criado por Alba Pedreira Vieira em sua pesquisa de doutorado intitulada “The nature of Pedagogical Quality in Higher Dance Education”, realizada na Temple University (Filadélfia, Estados Unidos). Disponível em: <https://www.academia.edu/28287828/The_Nature_of_Pedagogical_Quality_in_Higher_Dance_Education>.

ANEXO 2 - *Trance Dance*

Material explicativo sobre Trance Dance fornecido pelo participante (H).

O que é o Trance Dance?

A oficina Trance Dance é uma vivência de dança terapêutica, focada na conexão individual com o corpo e sua expressividade, sem formas ou objetivos.

Através de músicas, estímulos, respiração e meditação, os participantes são levados para um espaço seguro e relaxado de conexão interior, na qual podem deixar o corpo expressar livremente suas vontades, alegrias e dores, sem o julgamento do olhar do outro (ou do próprio). Para permitir essa interiorização, todos os participantes realizam a oficina inteira vendados, deixando-se guiar pela música e estímulos, sempre protegidos pelos cuidadores.

A vivência começa com uma introdução sobre a oficina. No segundo momento os participantes colocam uma venda e deitam em colchonetes para uma breve meditação. A música começa mais suave e vai ficando agitada para estimular o movimento em forma de dança, passando por uma gama de ritmos étnicos e emoções. Ao fim da *playlist* a música volta a ser calma e contemplativa, induzindo o relaxamento para uma meditação final. No terceiro e último momento os participantes retiram as vendas e é feita uma roda de conversa e percepções sobre a experiência.

Quem é o ministrante?

[H] é viçosense nato, físico formado pela UFV, Bissexual, Queer e entusiasta em dança e expressividade corporal. Participou de 11 edições do *Trance Dance* como dançante na comunidade de Piracanga, até passar a ser cuidador por mais oito edições. Participou da Mosaico Cia de Dança Contemporânea entre 2017 e 2019, onde teve a oportunidade de ministrar essa oficina por quatro vezes.

É pelo corpo ou por causa dele que sentimos as primeiras opressões e conflitos. A proposta terapêutica do *Trance Dance* busca dar vazão para esses registros internos, de maneira lúdica e leve, respeitando a história e individualidade dos participantes.

Sobre a contribuição do *Trance Dance* para a Mosaico:

Um dos entendimentos guiadores da Mosaico é que a dança não serve apenas ao propósito do belo ou do espetáculo, mas como uma expressão íntima de subjetividade corporificada. Para mim, foi uma ótima coincidência que o *Trance Dance* promove esse princípio em sua essência, e para a Mosaico foi uma ação em que esse entendimento pôde ser explorado como uma vivência prática, e estendido para a comunidade em geral, propósito cumpridos adequadamente, dados os feedbacks de quem participou.